



POR QUE SOU LADRÃO

José D'Assunção Barros

Professor-Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

Por que sou ladrão?

Esta pergunta me fez

O fiscal da transgressão

Senhor, porque estudei...

Como porque estudaste?

Retruca-me o bom fiscal,

Pedindo explicação.

O que estudaste que justifica

Que tu sejas um ladrão?

Respondi-lhe, a contragosto:

Economia, História, Meteorologia,

Religião...

Apatetado, sem pouco crer,

Volta-me o fiscal

– Bom fiscal da transgressão:

Até a Religião?

Principalmente

A de todo o bom cristão...

Afinal, não estive junto a Cristo

O bom ladrão?

A questão, meu bom fiscal,
Não é se tu és ladrão
Mas se és um bom ladrão

Deixemos então em paz
A ciência da religião
Em que a Economia te autoriza
A ser um bom ladrão?

Vá lá, meu bom fiscal...
Já ouviste falar
Que a propriedade é um roubo?
Quem o disse foi Proudhon
Mas quem sentiu pela vez primeira:
Foi operário, camponês, escravo
Ou qualquer trabalhador
Sob a chave da exploração.
E ainda acrescento o dito de Lenin,
Profeta da Revolução:
O que é o roubo de um banco
Diante da fundação?

Incorrigível Ladrão,
Deixemos a Economia...
Estudaste também a História?
Em que te ajuda, na questão?

Ah, meu caro fiscal
Estudei todos os temas
Das guerras ao comércio,
Da realeza à escravidão

Da livre empresa

À colonização.

Seria possível chegar

Partindo-se de um ponto da História

A qualquer outra conclusão?

Para! Sinto que não há fim

Se adentrarmos esta ciência.

Também disseste algures,

em teu relatório confuso,

Que foi a Meteorologia

Que te ensinou a ser ladrão?

Senhor bom fiscal,

Estudei, como aprendiz,

As propriedades do ar

Cruciais para a respiração

Se fosse sólido

Não passava pelo pulmão

Se fosse líquido

Derramava-se no chão

Se tivesse cheiro

Rescendia a poluição

Se fosse visível (preto, talvez)

Virava tudo escuridão

O ar é desse jeito

Porque, segundo creio,

Assim o fez a Criação

O ar, no corpo,

Diz algo

Mas espalhado no mundo diz tudo

Fala-nos de tempestades

Explica-nos o tempo bom.

Concentrado ou diluído

Difunde-se enquanto gera

Sua própria distribuição

Sim, mas e daí com isso?

Disseste que as propriedades do ar

– Ou compreendê-las –

Fizeram de ti ladrão?

É que a certa altura, meu bom fiscal,

Eu flexionei a questão.

Pus-me a perguntar, a certo clarão,

E a certa altura do diapasão,

Não pelas propriedades do ar

Mas pela propriedade do mesmo

Dita no singular

Imagina um meliante

Este sim,

O verdadeiro ladrão

(Não como estes, que apenas roubaram

Um litro de leite,

A passagem de um trem,

Uma bala de açúcar,

ou um pedaço de pão)

Nosso meliante inventa uma máquina

Capaz de sugar todo ar

E depois o começa a vender

Todo o ar do planeta

A dois reais a ração

E a partir daí tem cada vivente

Ao comando de sua mão

Subjugado e indefeso

– Revertido à escravidão!

Diante da propriedade do ar

Não acharias justa e necessária

Uma boa rebelião?

E se esta ainda não vem

Não acharias mais justo

Que lhe invadissem a mansão

Para respirar da cruel máquina

O ar roubado pelo mau ladrão?

Agora, meu bom fiscal,

Troca o ar pela terra que pisamos,

Pelo tempo de nossas vidas,

Pela saúde arrancada

Ao camponês, de antemão

– Aquele que é explorado de sol a pique

Condenado à velhice, ainda jovem,

Se não morrer de insolação

Troca o ar pela própria vida

Do soldado condenado à morte

(Sua e de seus irmãos)

Aquele soldado infeliz

Que ao contrário do General

Não espia a guerra do alto

De um posto de observação
Ali está ele, dormindo em pé,
Condenado a desarmar minas
Quando não é bucha de canhão

Ou, por fim, troca o ar
Pelo teu trabalho digno
Já que te fizeram aceitar
(Para não ficar do outro lado)
Ser um fiscal de transgressão

Para, chega!! Vai-te embora
Sinto que, se ficas mais um pouco,
Vais me roubar o coração!
A propósito, por curiosidade,
Qual foi mesmo o teu delito?
Dize-me com precisão.

E antes de sair,
Olharam-se o bom fiscal
E, claro,
Este que vos fala,
um simples bom ladrão:

Roubei
Um pedaço de chão